



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)



História: Diálogos Contemporâneos 3

Ana Paula Dutra Bôscaro
(Organizadora)

2020 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do Texto © 2020 Os autores

Copyright da Edição © 2020 Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação: Karine de Lima

Edição de Arte: Lorena Prestes

Revisão: Os Autores



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição *Creative Commons*. Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores. Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Conselho Editorial

Ciências Humanas e Sociais Aplicadas

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Fabiano Tadeu Grazioli – Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionale delle Figlie di Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste
Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Ciências Agrárias e Multidisciplinar

Prof. Dr. Alexandre Igor Azevedo Pereira – Instituto Federal Goiano
Prof. Dr. Antonio Pasqualetto – Pontifícia Universidade Católica de Goiás
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná

Profª Drª Diocléa Almeida Seabra Silva – Universidade Federal Rural da Amazônia
Prof. Dr. Écio Souza Diniz – Universidade Federal de Viçosa
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Fágner Cavalcante Patrocínio dos Santos – Universidade Federal do Ceará
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Júlio César Ribeiro – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Profª Drª Lina Raquel Santos Araújo – Universidade Estadual do Ceará
Prof. Dr. Pedro Manuel Villa – Universidade Federal de Viçosa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Profª Drª Talita de Santos Matos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Tiago da Silva Teófilo – Universidade Federal Rural do Semi-Árido
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas

Ciências Biológicas e da Saúde

Prof. Dr. André Ribeiro da Silva – Universidade de Brasília
Profª Drª Anelise Levay Murari – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Benedito Rodrigues da Silva Neto – Universidade Federal de Goiás
Prof. Dr. Edson da Silva – Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri
Profª Drª Eleuza Rodrigues Machado – Faculdade Anhanguera de Brasília
Profª Drª Elane Schwinden Prudêncio – Universidade Federal de Santa Catarina
Prof. Dr. Ferlando Lima Santos – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Igor Luiz Vieira de Lima Santos – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. José Max Barbosa de Oliveira Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Magnólia de Araújo Campos – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Mylena Andréa Oliveira Torres – Universidade Ceuma
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federaci do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Paulo Inada – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande

Ciências Exatas e da Terra e Engenharias

Prof. Dr. Adélio Alcino Sampaio Castro Machado – Universidade do Porto
Prof. Dr. Alexandre Leite dos Santos Silva – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Eduardo Sanches de Andrade – Universidade Federal de Goiás
Profª Drª Carmen Lúcia Voigt – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fabrício Menezes Ramos – Instituto Federal do Pará
Prof. Dr. Juliano Carlo Rufino de Freitas – Universidade Federal de Campina Grande
Prof. Dr. Marcelo Marques – Universidade Estadual de Maringá
Profª Drª Neiva Maria de Almeida – Universidade Federal da Paraíba
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista

Conselho Técnico Científico

Prof. Msc. Abrãao Carvalho Nogueira – Universidade Federal do Espírito Santo
Prof. Msc. Adalberto Zorzo – Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza
Prof. Dr. Adailson Wagner Sousa de Vasconcelos – Ordem dos Advogados do Brasil/Seccional Paraíba
Prof. Msc. André Flávio Gonçalves Silva – Universidade Federal do Maranhão
Profª Drª Andreza Lopes – Instituto de Pesquisa e Desenvolvimento Acadêmico
Profª Msc. Bianca Camargo Martins – UniCesumar
Prof. Msc. Carlos Antônio dos Santos – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Msc. Cláudia de Araújo Marques – Faculdade de Música do Espírito Santo
Prof. Msc. Daniel da Silva Miranda – Universidade Federal do Pará
Profª Msc. Dayane de Melo Barros – Universidade Federal de Pernambuco

Prof. Dr. Edwaldo Costa – Marinha do Brasil
Prof. Msc. Eliel Constantino da Silva – Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita
Prof. Msc. Gevair Campos – Instituto Mineiro de Agropecuária
Prof. Msc. Guilherme Renato Gomes – Universidade Norte do Paraná
Prof^a Msc. Jaqueline Oliveira Rezende – Universidade Federal de Uberlândia
Prof. Msc. José Messias Ribeiro Júnior – Instituto Federal de Educação Tecnológica de Pernambuco
Prof. Msc. Leonardo Tullio – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof^a Msc. Lilian Coelho de Freitas – Instituto Federal do Pará
Prof^a Msc. Liliani Aparecida Sereno Fontes de Medeiros – Consórcio CEDERJ
Prof^a Dr^a Lívia do Carmo Silva – Universidade Federal de Goiás
Prof. Msc. Luis Henrique Almeida Castro – Universidade Federal da Grande Dourados
Prof. Msc. Luan Vinicius Bernardelli – Universidade Estadual de Maringá
Prof. Msc. Rafael Henrique Silva – Hospital Universitário da Universidade Federal da Grande Dourados
Prof^a Msc. Renata Luciane Polsaque Young Blood – UniSecal
Prof^a Msc. Solange Aparecida de Souza Monteiro – Instituto Federal de São Paulo
Prof. Dr. Welleson Feitosa Gazel – Universidade Paulista

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)**

H673 História [recurso eletrônico] : diálogos contemporâneos 3 /
Organizadora Ana Paula Dutra Bôscaro. – Ponta Grossa, PR:
Atena, 2020.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-86002-39-3

DOI 10.22533/at.ed.393201002

1. História – Pesquisa – Brasil. I. Bôscaro, Ana Paula Dutra.
CDD 900.7

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná - Brasil
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Por intermédio de diversos trabalhos acadêmicos, o livro *História: Diálogos Contemporâneos* apresenta-se como um importante espaço de intercâmbio cultural e científico. Ao articular as relações que se estabeleceram no passado e que continuam vigentes no presente, o livro abarca assuntos relevantes e que dialogam com diferentes áreas do conhecimento, propiciando discussões em entorno de questões políticas, sociais e culturais.

De modo cada vez mais sistemático, a historiografia tem se empenhado em desenvolver novas possibilidades investigativas. Os autores aqui reunidos, pautados em fontes documentais inéditas e/ou pouco exploradas, colaboram com o processo de construção do conhecimento histórico. Seus trabalhos, resultados de pesquisas originais, dialogam entre si e se completam. Daí a importância de um livro composto por obras que versam sobre diferentes assuntos.

No livro estão reunidas análises que dissertam sobre o uso da literatura e da narrativa nos estudos históricos; Trabalhos que refletem sobre o papel do ensino no contexto atual e sobre os diversos embates enfrentados por seus profissionais nos espaços escolares e nas universidades; Debates sobre questões relativas ao passado escravocrata e suas permanências nas relações sociais; Migrações forçadas no contexto atual, dentre outros temas que promovem um frutífero diálogo entre passado e presente.

Em síntese, a obra nos ajuda a compreender de que modo as marcas do passado se manifestam em nossa experiência atual. Desta feita, esperamos que a leitura dos capítulos que por ora se apresentam possam ampliar os conhecimentos e instigar novas pesquisas históricas. A todos, o desejo de uma excelente leitura!

Ana Paula Dutra Bôscaro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
RELATOS MEMORIAIS E RELATOS TESTEMUNHOS: O EXEMPLO DE ANTÔNIO PIGAFETTA (1491-1534)	
Michel Kobelinski	
DOI 10.22533/at.ed.3932010021	
CAPÍTULO 2	15
MARIA GRAHAM: A POLISSÊMICA NARRATIVA DA ESCRITORA INGLESA, SOBRE OS BRASIS DAS PRIMEIRAS DÉCADAS DO OITOCENTOS	
Denise Maria Couto Gomes Porto	
DOI 10.22533/at.ed.3932010022	
CAPÍTULO 3	26
CAPITALISMO, COMUNISMO E A HISTÓRIA DO FUTURO: APONTAMENTOS DE PESQUISA SOBRE “A MÁQUINA DO TEMPO” DE H. G. WELLS (1895)	
Pedro Nogueira da Gama	
DOI 10.22533/at.ed.3932010023	
CAPÍTULO 4	40
MANOEL BOMFIM E MANUEL DE OLIVEIRA LIMA: A AMÉRICA LATINA SOB DIFERENTES PARADIGMAS RACIALISTAS	
José Geraldo Dos Santos	
DOI 10.22533/at.ed.3932010024	
CAPÍTULO 5	54
ELEMENTOS PARA A CONSTRUÇÃO DO CONCEITO DE IDENTIDADE NARRATIVA EM PAUL RICOEUR	
Janessa Pagnussat	
DOI 10.22533/at.ed.3932010025	
CAPÍTULO 6	65
AS INFLUÊNCIAS DO PENSAMENTO POLÍTICO DE ROUSSEAU NA CONSTITUIÇÃO FEDERAL DE 1988	
Heloíse Montagner Coelho	
Thieser da Silva Farias	
DOI 10.22533/at.ed.3932010026	
CAPÍTULO 7	77
FAMÍLIAS CONTEMPORÂNEAS, MONOPARENTALIDADE E O FENÔMENO ALIENAÇÃO PARENTAL: A CRÍTICA DA TEORIA SISTÊMICA À PERSPECTIVA DE RICHARD GARDNER	
Ronaldo da Costa Formiga	
DOI 10.22533/at.ed.3932010027	
CAPÍTULO 8	90
ESCRITAS DE SI: A PRODUÇÃO TEXTUAL NARRATIVA DESENVOLVIDA SOB UMA PERSPECTIVA SOCIAL E IDENTITÁRIA	
Tuany Maria Rodrigues Gonçalves Cianelli	
Bruna Sieiro Borges	
Fernanda Iglesias Webering	

Cláudia Cristina Mendes Giesel
Flávia Maria Farias Baptista da Cunha
DOI 10.22533/at.ed.3932010028

CAPÍTULO 9 101

UMA BASE CURRICULAR PARA TEMPOS NEOLIBERAIS

Gustavo de Faria Lopes
José Elias Domingos Costa Marques
Renato Gomes Vieira

DOI 10.22533/at.ed.3932010029

CAPÍTULO 10 112

A UTILIZAÇÃO DA PRODUÇÃO DE PEQUENOS VÍDEOS COM O INTUITO DE PROMOVER O DEBATE RELACIONADO À TEMAS RELEVANTES ÀS QUESTÕES ÉTNICOS-RACIAIS E O PATRIMÔNIO CULTURAL AFRO-BRASILEIRO

Aline Kelly da Silva Faria
Madalena da Silva Faria

DOI 10.22533/at.ed.39320100210

CAPÍTULO 11 118

DESCONSTRUÍNDO ESTEREÓTIPOS SOBRE A ESCRAVIZAÇÃO NO BRASIL: UMA EXPERIÊNCIA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO II

Lucas Cardoso de Moura

DOI 10.22533/at.ed.39320100211

CAPÍTULO 12 126

DIÁLOGOS CONTEMPORÂNEOS SOBRE A UNIVERSIDADE: UM ESTUDO HISTÓRICO

Oscar Edgardo N. Escobar

DOI 10.22533/at.ed.39320100212

CAPÍTULO 13 139

HISTÓRIAS DA PSIQUIATRIA NO BRASIL E AS INTERDIÇÕES AO USO DE ÁLCOOL E DROGAS NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Ana Maria Cardachevski

DOI 10.22533/at.ed.39320100213

CAPÍTULO 14 153

A EXTREMA-DIREITA NO BRASIL CONTEMPORÂNEO: O CASO DO MOVIMENTO MÍDIA SEM MÁSCARA E O USO IDEOLÓGICO DAS FONTES

Natalia dos Reis Cruz

DOI 10.22533/at.ed.39320100214

CAPÍTULO 15 162

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

DOI 10.22533/at.ed.39320100215

CAPÍTULO 16	170
DA RODA DOS EXPOSTOS AO MERCADO DE TRABALHO	
Claudia Alves d`Almeida	
DOI 10.22533/at.ed.39320100216	
CAPÍTULO 17	179
A DINÂMICA ENTRE GÊNERO, RAÇA E CLASSE NA JUSTIÇA COLONIAL DO NORTE DE MOÇAMBIQUE (1930)	
Inajá Reis Costa	
DOI 10.22533/at.ed.39320100217	
CAPÍTULO 18	191
ENTRE SEMENTES E FRUTOS: DOM JOÃO DA MATA ANDRADE E A ROMANIZAÇÃO EM MANAUS (1941-1948)	
Elisângela Maciel	
DOI 10.22533/at.ed.39320100218	
CAPÍTULO 19	202
MIGRAÇÕES, DESLOCAMENTOS FORÇADOS E QUESTÕES DE GÊNERO NO ÂMBITO DA COMUNIDADE PARA O DESENVOLVIMENTO DA ÁFRICA AUSTRAL (SADC)	
Tatiane Sant'Ana Coelho Reis	
DOI 10.22533/at.ed.39320100219	
SOBRE A ORGANIZADORA	212
ÍNDICE REMISSIVO	213

MORRER NEGRO EM JACUTINGA: UM ESTUDO SOBRE AS PRÁTICAS FUNEBRES DOS AFRICANOS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Data da Submissão: 06/12/2019

Data de aceite: 04/03/2020

Ana Francisca Vasconcelos da Silva

Universidade do Grande Rio Prof José de Souza
Herdy - Unigranrio
Duque de Caxias – RJ
<http://lattes.cnpq.br/4334978757375196>

RESUMO: A hora da morte era um momento preparado desde o início da vida, a escolhas das covas, as roupas a se vestir e todo o cerimonial eram elementos de grande importância. A pesquisa tem visa observar esses elementos dentro do grupo étnico de africanos e afrodescendentes, analisando a partir de fontes documentais eclesiásticas de registros de óbito para compreender as relações da freguesia de Santo Antonio de Jacutinga, no Recôncavo da Guanabara, e desse grupo em relação as práticas funerárias do início do século XIX, além de compreender de que forma as mudanças que vinham sendo adotadas pela cidade do Rio de Janeiro eram inseridas na região.

PALAVRAS-CHAVE: Santo Antonio de Jacutinga, africanos, práticas fúnebres

DIE BLACK IN JACUTINGA: A STUDY ON THE FUNERAL PRACTICES OF AFRICANS AND AFIRCAN DESCENDANTS IN THE PARISH OF SANTO ANTONIO DE JACUTINGA

Abstract: The time of death was a moment prepared since the beginning of life, the choices graves, the clothes to wear and all the ceremonial elements were of great importance. The research is aimed at observing those elements within the ethnic group of Africans and African descendants, analyzing documentary sources of death records for ecclesiastical to understand the relationships of the parish of Santo Antonio de Jacutinga, in Recôncavo da Guanabara, and of that group in connection with the burial practices of the early 19th century, as well as to understand how the changes that have been adopted by the city of Rio de Janeiro were adopted in the region.

KEYWORDS: Santo Antonio de Jacutinga, Africans, funeral practices.

1 | RECONHECIMENTO DA REGIÃO

A freguesia de Santo Antonio de Jacutinga, objeto de outras pesquisas, já foi abordada em se aspecto de formação populacional escravizada e a formação de família dos mesmos na região, pela historiadora Denise Demetrio¹, e a sua presença como parte inicial da formação da

atual Baixada Fluminense, por Lucia Helena², entre outros pesquisadores que fizeram da sua freguesia objeto de pesquisa.

De nascimento datado do século XVIII, a freguesia de santo Antonio de Jacutinga, no Recôncavo da Guanabara e que tem seu território compreendido no que hoje são os municípios de Belford Roxo, Mesquita, parte de Nova Iguaçu e Duque de Caxias, tem em sua construção a história da dizimação de uma comunidade indígena Jacutinga durante o período de guerra de conquista do território³.

A mesma freguesia possuía em sua estrutura econômica a produção de gêneros alimentícios produzidos em propriedades privadas e de propriedade religiosa – essa que também fazia sua presença na região arrendando terras na região⁴ –, essa produção influenciava na captação de mão de obra escrava em grande quantidade na região, esse fator influência diretamente na composição da população local ser formada principalmente por africanos e descendentes⁵. O número, quanto à população, pode se tornar relativo, pois como acrescenta Marlúcia Santos, em seu *Escavando o Passado da Cidade*⁶, o número de escravos poderia ser maior, pois alguns dos senhores escondiam esses indivíduos pelo receio de pagarem impostos sobre eles, ou a condução destes para o exército⁷.

A posição e as características geográficas da freguesia possibilitavam o grande fluxo de pessoas que se direcionavam para o interior da província do Rio de Janeiro e era rota para aquele que viajavam para as Minas Gerais. Tendo em vista essas informações, completa-se então a característica de que na região havia o grande contato de diferentes culturas, principalmente as de origem africana pela sua expressividade populacional, que acabavam se misturando, mas antes desse contato do outro lado do Atlântico, esses diferentes povos africanos iniciavam seus contatos dentro dos navios, resignificando algumas de suas culturas e tradições, e isso pode ser encarado como uma das formas de resistência criadas à vida escrava.

Apesar de sua proporção e de no século XIX ser a freguesia mais produtiva da vila de Iguaçu, a estrutura organizacional da freguesia e sua comunidade eclesiástica não estavam nas melhores condições, a matriz já estava na sua segunda construção, pois a primeira havia ruído, porém a segunda não possuía a melhor estrutura, sendo solicitados reparos, e no final do século XVIII monsenhor Pizarro havia relatado rachaduras, e maus cuidados com os altares e com as irmandades, além da inadimplência do pagamento dos dízimos⁸. Outro problema que a freguesia possui, e este já nos anos de 1840, é a ausência frequente do pároco Manoel dos Santos Silva, que viaja que se mantinha distante da freguesia por meses, como informado em uma reclamação na edição do *Jornal do Commercio* 1841, deixando a população local sem os devidos atendimentos sacramentais.

Os pontos trazidos até aqui são de extrema importância para introduzir e compreender melhor as relações da freguesia com os sepultamentos, além dos acontecimentos que estavam se desenvolvendo na Corte.

21 A CIÊNCIA E MODIFICAÇÃO DAS PRÁTICAS OBJETIVANDO PARA HIGIENIZAÇÃO DOS LOCAIS DE ENTERRAMENTO

O século XIX se inicia com grande agitação sobre os assuntos relacionados à questão fúnebre, há uma corrida higienista em movimento, encabeçada pela classe médica, que atingia principalmente os mortos. Em 1836 ocorre a revolta pesquisada por João Jose Reis⁹, a Cemiterada, que traz um retardo nas transformações ocorridas no Rio de Janeiro.

A crença de que os cheiros fétidos dos corpos transmitiam doenças rondavam o início do século XIX, e o medo dos males miasmáticos¹⁰. O objetivo do movimento higienista no início do século XIX era remover os corpos de dentro das igrejas, que eram consideradas perigosas transmissoras de doenças, levá-los para locais apropriados para seu sepultamento com a criação de cemitérios e tirar do domínio da igreja os cuidados com os defuntos. Porém, antes de se direcionar as igrejas a corrente higienista focava aos corpos dos escravizados que eram abandonados nas ruas pelos senhores, segundo Reis a remoção de destes corpos era competência de limpeza pública¹¹. Aos que eram enterrados o destino era o campo da Pólvora, na Bahia, e o Valongo, no Rio de Janeiro, locais com covas rasas e corpos cobertos com pouco de terra que ao chover ficavam descobertos e se tornavam comida de animais pela presença dos mesmos nestes locais.

As questões de enterramento foram levados a discussão na câmara do Rio de Janeiro, porém enfrentaram resistência de implantação temendo uma nova revolta, como a que ocorreu na Bahia¹². Entretanto, a partir da década de 1850 decretos foram elaborados para a adequação dos locais de enterramentos e dos serviços fúnebres, contudo tais mudanças afetaram diretamente os costumes tanto dos brancos, quanto dos africanos e seus descendentes, como, por exemplo, quando em 1851 ocorre a proibição das inumações dentro das igrejas¹³.

As mudanças também estavam chegando rápido ao recôncavo da cidade, na vila de Estrella, nascida no ano de 1846, possui em seu documento principal datado do mesmo ano, questões relacionadas aos sepultamentos, o mesmo documento informa que não havendo cemitérios públicos construídos no município, os locais de enterramento seriam os determinados, desrespeitando esse ponto ou qualquer outro seriam aplicados multas em dinheiro, e se fosse escravo açoites¹⁴.

As relações das sociedades com questão da morte chegaram ao século XIX bastante modificadas, Philippe Ariès¹⁵ reflete sobre essas mudanças, principalmente dos sentimentos e formas de encará-la que foram passando por transformações com o passar dos séculos, em um longo processo, desde que o entender a morte como um acontecimento natural a todos, aceitando que todos morrem, passou então a morte de si, e depois a morte do outro como algo doloroso, “a morte temida não é mais a própria morte, mas a do outro”, essa implicaria na realização das posturas fúnebres, a elaboração de novos métodos de sofrer aquele falecimento conhecidos a partir do

século XVII, e sua normatização.

Como a borda Ariès, a forma de se enxergar a morte passou por um longo processo de transformação até chegar ao século XIX, porém a modificação na forma de se enxergar a morte no Brasil do XIX se deve em grande parte às epidemias e aos médicos higienistas e os mecanismos que criaram para divulgar estas ideias.

3 | DAS MUDANÇAS DOS COSTUMES E PRÁTICAS FÚNEBRES ENTRE OS NEGROS E AFRODESCENDENTES DA FREGUESIA DE JACUTINGA

Este tópico visa observar as transformações vistas na freguesia a partir das análises documentais entre 1835 a 1855, o recorte aplicado se justifica pelo processo de transformações identificado principalmente neste período. A abordagem desses aspectos é possível a partir das análises dos registros paroquiais da freguesia, hoje disponibilizados pela cúria diocesana de Nova Iguaçu.

Ao início da década de 1830, Reis¹⁶ observa que as tradições fúnebres possuem ainda a sua característica trazida dos moldes europeus, barroca e sem interferência dos aspectos higiênicos. Cabe lembrar que isto cabe aos enterramentos dentro das igrejas, em consequência àqueles que possuíam renda para pagar por um, tendo em vista que para se ter um enterro “digno”, nos moldes cristãos, e ser considerado uma boa morte havia de se pagar por isso, além de outros aspectos. Consequentemente um indivíduo escravizado na maioria das vezes não possuía uma boa morte. A Boa morte que possuía uma grande preparação para se alcança-la em busca da salvação da alma ou de uma menor permanência no purgatório¹⁷, o costume da boa morte, trazido da Europa remonta costumes da idade média, sendo inseridos novos elementos ao chegar ao Brasil.

Nos livros de registros de óbito da freguesia de Santo Antonio de Jacutinga, maior parte dessa população negra era encaminhada para os cemitérios ou covas de fabrica. O cemitério neste momento está no entorno da igreja, na maioria das vezes o local que recebia os pobres e os escravos, o local na maioria das vezes era profanado, João Jose Reis aponta que os cemitérios eram locais que recebiam bailes, jogos, depósito de lixo, e também era o local onde muitos animais pastavam¹⁸, em uma nota da Revista Medica Fluminense e assinalado para a vila de Iguaçu que em uma das suas igrejas haviam porcos comendo corpos em seu cemitério¹⁹. As covas da fábrica também não possuíam tanto respeito, eram de responsabilidade de uma das irmandades locais e sobreviviam das esmolas pagas²⁰, os enterramentos feitos por esse setor da igreja costumavam ser mais baratos do que os feitos pela irmandade em si. Conclui-se então que essa parte da população local ocupava os locais mais pobres dos locais fúnebres.

Parte dos decretos elaborados tratam das conduções dos mortos, a forma da qual aquele indivíduo seria transportado até o local do seu enterramento. No Rio de

Janeiro era comum que entre os escravizados usassem redes para serem conduzidos, e este costume é retratado em pinturas de Jean Baptist Debret e Henry Tirberland. Na freguesia este hábito não é diferente, as redes são utilizadas para a realização dessa condução para muitos, porém com a proibição desse material o uso na freguesia foi dando lugar aos caixões que mantinham determinada distância entre o morto e o vivo.

Para o recorte temporal de 1835 a 1835, 175 indivíduos foram destacados por terem sido declarados como negros ou descendente. 45 faleceram antes dos 8 anos de idade, sendo considerados inocentes, observando a mortalidade infantil, poucos conseguiam alcançar a fase adulta.

Um outro ponto que não se pode ignorar é a presença dos costumes africanos dentro dessas práticas, mesmo que em atos simples como na escolha da roupa para o enterro. Dos grupos pesquisados na freguesia, a sua maioria estava sendo sepultada em trajes brancos, em algumas culturas africanas o branco é considerado a cor do luto.

Hábito	Branco*	Preto	Azul	Santo/a	“Roupas de seu uso”	Pano de algodão	Outro
Homens	40	16	7	5**	3	6	11
Mulheres	39	13	3	4***	2	5	7

Tabela 1 - Hábitos e mortalhas mais usadas por africanos e descendentes de Jacutinga

Fonte: Family Search, Registros da Igreja Católica 1606-1980, Nova Iguaçu, Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, Óbitos 1820-1884

*Branco, lençol branco, seda branca e roupa branca de seu uso

**São Francisco e Santo Antônio

***N Senhora da Conceição

1 indefinido: hábito branco

12 pessoas de ambos os sexos não informam os hábitos

Analisando informação e tabela conclui-se que muitas tradições africanas permaneceram vivas mesmo dentro do cativeiro. E para dentro da região em que se localiza a freguesia existem contatos de uma vivência cultural em relatos, como em uma denúncia feita em 1835 sobre batuques ouvidos durante a noite na freguesia de Jacutinga²¹, a presença de um feiticeiro que fazia práticas de cura mais ao fundo da Baía, relatado pela viajante Adele Toussaint-Samson, além dos batuques, que mesmo proibidos eram praticados pelos negros²², e os próprios quilombos que se alocavam nas regiões estratégicas do recôncavo da Guanabara, rendendo ao local o nome de Hidra de Iguaçu, pois quando um quilombo era destruído, outros mais se instalavam na região. Então, neste local que abria espaço para todas essas ocorrências poderia sim abrir espaço para que na hora da morte, esses indivíduos reproduzissem seus rituais de morte, os compartilhando-os com os ritos da Igreja.

Abordo o compartilhamento das praticas desses dois universos, por ocasião das próprias mortalhas e pela questão de muitos destes negros não terem recebido os sacramentos, como a extrema unção, no momento da sua morte, tendo por justificativa nos registros não terem sido procurados.

Outro fator de que nos coloca a pensar sobre o local do negro nessa sociedade são os locais em que a maioria eram enterrados e suas conduções ate o local a cova. Era comum no Rio de Janeiro que os escravizados fossem conduzidos em redes, e na freguesia de Jacutinga eram maioria também, tendo apenas uma ocorrência de condução em esquife de uma irmandade entre 1844 e 1855 – este recorte representa a aparição de descrição das conduções, antes desse recorte não aparecem.

Local	Cova da fabrica	Cemitério	Cova de irmandade
Nº de pessoas	78	56	9

Tabela 2 – Locais de enterramento utilizados pelos que morreram na freguesia

Fonte: Family Search, Registros da Igreja Católica 1606-1980, Nova Iguaçu, Catedral de Santo Antonio de Jacutinga, Óbitos 1820-1884

A fabrica de Santo Antonio de Jacutinga possuía dividas que não eram cobradas o que dificultava o funcionamento como relatado pelo Monsenhor Pizarro²³, mas o mesmo também descreve os valores que eles cobravam para os sepultamentos que poderiam variar entre os brancos para escravizados, os valores das esmolos por covas no corpo da igreja que pertenciam a fabrica em 1794 eram de 2\$ réis para brancos e para pretos escravizados era de 3 patacas²⁴, a fabrica também poderia ter covas em diferentes locais da igreja o que poderia variar o grau de importância das mesmas.

O cemitério poderia ter algum caráter religioso, porém a principio eram destinados a todos aqueles não tinham permissão ao enterro em solo sagrado como os criminosos, pagãos e suicidas, era um local costumeiramente profanado, conseqüentemente o mais rejeitado. Outra condição que poderia encaminhar o morto ao cemitério ele em seus momentos finais rejeitar os sacramentos oferecidos pela igreja²⁵.

Os grupos escravizados e mais pobres eram com frequências encaminhados aos cemitérios e para as covas da fabrica, e nesta freguesia não fugia a esta quase regra, além da ocorrência de sepultamentos feitos na freguesia “pelo amor de Deus”. Estes eram encaminhados para os locais com menos prestígio, ou nenhum do templo.

No decorrer das transformações, principalmente após a segunda metade da década e 1840, estes negros passam a ser conduzidos mais em caixões, enquanto as redes foram aos poucos deixando de serem registradas, além dos registros possuírem mais informações do defunto, como a causa da morte e de onde era natural. Além do mais o método de registro do local onde aquele individuo é sepultado também muda, deixa de ter a descrição e é registrado apenas como “nesta matriz”, estas mudanças se devem às transformações e as exigências que estavam sendo feitas no ambiente das discussões fúnebres e o processo de afastamento dos mortos das igrejas, foco dessas discussões, que tinham a higiene como intenção principal.

4 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tendo em vista a análise dos documentos, observamos que o desenvolvimento da freguesia de São Antonio de Jacutinga em relação às modificações nas práticas fúnebres chegaram mais tardiamente por diversos fatores. Mesmo considerando a produtividade da região e o acúmulo de valores comparados a outras freguesias da vila de Iguazu para o início do século XIX o principal motivo para o não acompanhamento da “evolução” funerária na região está ligada a falta de investimento que afetava até a estrutura física da matriz local.

Mas analisando o fator de não investimento nos bens eclesiásticos da região, há de se levar em conta que a formação da população era em sua maioria negra e que os outros indivíduos que investiam na região viviam mais de mercancias, relatado por Pizarro²⁶, conclui-se que os mesmos, que lucravam com toda a produção, não se alojavam permanentemente na região.

Caberá a novas pesquisas sobre a freguesia trazer a luz em qual momento estas mudanças passam a ser percebidas no local. E compreender um recorte maior para isso será necessário. É mesmo percebendo ligeiras mudanças encontradas nos registros, a mesma freguesia ainda enfrentava situações que a impediam de acompanhar o movimento fúnebre naquele momento.

REFERÊNCIAS

1 DEMÉTRIO, Denise. **Famílias Escravas da Freguesia de Santo Antonio da Jacutinga**: séculos XVII e XVIII. Dissertação de mestrado – Niterói, UFF, 2008

2 SILVA, Lucia Helena Pereira da. Freguesia de Santo Antonio de Jacutinga: Um capítulo na história de ocupação da Baixada Fluminense. **Revista Uniabeu**, Belford Roxo, n. 21, p 123-137, 2016.

3 Idem

4 FRIDMAN, Fania. **Donos do Rio em nome do rei**: uma história fundiária da cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.: Garamond. 1999. P. 78

5 SILVA, Lucia Helena Pereira da. Freguesia de Santo Antonio de Jacutinga: Um capítulo na história de ocupação da Baixada Fluminense. **Revista Uniabeu**, Belford Roxo, n. 21, p 123-137, 2016. P. 133 <fonte: *RIHGB, tomo XLVII, 1844, PP. 25-60 / **RIO DE JANEIRO, 1851>

6 SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o passado da cidade**: história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

7 Idem, p. 40

8 PERES, G. Santo Antônio de Jacutinga contribuição a sua história. Acervo do Instituto Histórico de Duque de Caxias. – gaveta 61 – pasta 4, s/d.

9 REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

10 Idem, p. 320

11 Idem, p. 141

12 RODRIGUES, Claudia. **Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

13 RODRIGUES, Claudia. A criação dos cemitérios públicos do Rio de Janeiro enquanto “campos santos” (1798-1851). Revista do Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, n.8, 2014, p 258-278

14 CÓDIGO da Vila de Estrella – 184. Cópia xerográfica. Acervo do Instituto Histórico de Duque de Caxias – gaveta 45 – pasta 17, s/d

15 ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. P.37

16 REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

17 ARIÈS, Philippe. **História da Morte no Ocidente**: da Idade Média aos nossos dias. Tradução Priscila Viana de Siqueira. – [Ed. Especial]. – Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2017. P.39

18 REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. P 97

19 HEMEROTECA DIGITAL - **Revista Medica Fluminense**. Informe sobre as igrejas desleixadas e porcos comendo cadáveres em Iguassú <disponível em:
<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=341622&pesq=iguassu>>

20 SOUZA, Marlúcia Santos de. **Escavando o passado da cidade**: história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.

21 POSSIDONIO, Eduardo. **Entre tambores, candomblés e ameaças**: as manifestações religiosas centro-africanas na freguesia de Jacutinga /FEBEF-UERJ. 2015. (Apresentação de trabalho/ Comunicação)

22 POSSIDONIO, Eduardo; BEZERRA, Nielson Rosa. Religiosidades africanas em tempo de escravidão: batuques e candomblés no Recôncavo do Rio de Janeiro, século XIX. **Recôncavo**: revista de História da Uniabeu, Belford Roxo, volume 6, n 10, 2016. P 77

23 PERES, G. Santo Antônio de Jacutinga contribuição a sua história. Acervo do Instituto Histórico de Duque de Caxias. – gaveta 61 – pasta 4, s/d.

24 PIZARRO e ARAÚJO, José de Souza Azevedo. **Visitas pastorais na Baixada Fluminense feitas pelo monsenhor Pizarro no ano de 1974**. Nilópolis: Secretaria municipal de cultura de Nilópolis, 2000

25 REIS, João José. **A morte é uma festa: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX**. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. P 134

26 PIZARRO e ARAÚJO, José de Souza Azevedo. **Memórias históricas do Rio de Janeiro e das províncias anexas à jurisdição do vice-Rei do Estado do Brasil, dedicadas a El-Rei Nosso Senhor d. João VI**. P.167

ÍNDICE REMISSIVO

A

Administração da Justiça 179, 180, 183
África Austral 202, 203, 204, 209, 210, 211
Africanos 47, 49, 51, 122, 134, 135, 162, 163, 164, 166, 173, 180, 181, 183, 184, 185, 187, 188, 189, 190, 203, 207, 208, 209, 210
Alienação Parental 77, 78, 79, 80, 82, 83, 85, 86, 87, 88, 89
América Latina 1, 8, 9, 11, 14, 40, 41, 43, 45, 46, 47, 48, 50, 51, 52, 127, 128, 129, 137, 155
Anticomunismo 153, 155, 156
Ascensão Social 33
Assistência 145, 147, 151, 170, 172, 173, 174, 175, 176, 177, 193, 197, 206

B

Base Curricular 101, 104, 108
Brasil Colônia 126, 129, 130, 138, 212

C

Colônia de Moçambique 179
Constituição Federal 65, 66, 70, 71, 72, 73, 75, 106
Cotidiano Escolar 112, 113, 116, 117
Cultura 8, 9, 19, 22, 23, 25, 38, 44, 48, 51, 62, 76, 79, 81, 90, 91, 94, 95, 96, 100, 106, 110, 111, 112, 113, 117, 118, 121, 122, 123, 125, 129, 130, 135, 138, 169, 177, 178, 181, 182, 183, 201

D

Deslocamentos forçados 202, 203, 206, 207, 209, 210
Diálogos Contemporâneos 15, 26, 40, 54, 65, 77, 90, 101, 112, 118, 126, 139, 153, 162, 170, 179, 191, 202, 212
Diocese 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201
Dom João da Mata 191, 192, 194, 199, 200, 201

E

Educação 33, 34, 36, 42, 47, 51, 67, 91, 96, 100, 101, 103, 104, 106, 107, 108, 109, 110, 113, 115, 117, 126, 128, 129, 130, 131, 134, 137, 138, 142, 148, 152, 161, 173, 174, 177, 178, 181, 182, 189, 194, 199, 204, 209
Educação Superior 33, 106, 110, 126
Escravidão 71, 118
Estado 2, 23, 29, 32, 34, 36, 37, 38, 39, 47, 48, 62, 65, 66, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 76, 88, 102, 103, 112, 128, 129, 131, 135, 143, 147, 148, 149, 151, 156, 157, 158, 160, 169, 174, 179, 180, 182, 183, 188, 192, 196, 197, 201
Estereótipos 118, 121, 123, 124, 125, 207
Extrema-Direita 153, 155

F

Família Contemporânea 77, 78, 79

Fontes 15, 16, 17, 18, 25, 38, 39, 64, 100, 124, 151, 153, 156, 160, 162, 177, 178, 183, 185, 187, 189, 201

Formação Médica 139

G

Gênero 7, 8, 10, 19, 20, 28, 39, 64, 86, 92, 94, 144, 175, 179, 184, 185, 187, 188, 189, 202, 204, 205, 206, 209, 210

H

História da psiquiatria 149, 151

I

Identidade 5, 8, 9, 10, 12, 25, 54, 55, 60, 63, 64, 78, 90, 92, 93, 94, 95, 96, 99, 100, 106, 113, 153

Ideologia 43, 72, 78, 79, 88, 110, 136, 153, 156, 158, 173

Igualdade Racial 112

Infância 1, 56, 148, 158, 170, 172, 176, 177, 178

J

Jean-Jacques Rousseau 23, 65, 66, 67, 68, 70, 73, 74

L

Literatura 1, 2, 3, 13, 15, 18, 19, 20, 23, 24, 26, 27, 36, 39, 42, 45, 54, 63, 68, 96, 100

M

Manaus 191, 192, 193, 194, 195, 196, 197, 198, 199, 200, 201

Manoel Bomfim 40, 41, 42, 43, 45, 50, 51, 52

Manuel de Oliveira Lima 40, 41, 43, 45, 50, 52

Maria Graham 15, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 24, 25

Matrizes Afro-brasileiras 112, 114

Migrações 202, 206, 208, 209, 210, 211

Mulher viajante 15

N

Narrativa 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 13, 15, 22, 35, 54, 55, 56, 57, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 90, 91, 92, 93, 94, 95, 97, 99, 100, 118, 122, 123, 132, 156, 157, 158

Neoliberalismo 101, 102, 103, 110, 155

O

Oralidade 1, 3, 5, 6, 7, 13, 14, 91, 93

P

Paul Ricoeur 54, 63, 64

Poder 4, 6, 8, 13, 14, 16, 32, 49, 60, 65, 67, 68, 69, 70, 72, 73, 74, 75, 78, 85, 88, 99, 102, 103, 109, 115, 127, 131, 135, 137, 140, 146, 156, 157, 176, 179, 184, 187, 188, 192, 196, 209

Práticas Fúnebres 162

R

Relatos memoriais 1

S

Santa Casa de Misericórdia 170, 172, 174, 176, 177, 178

Santo Antonio de Jacutinga 162, 165, 166, 167, 168

Século XIX 25

Século XX 139

Sociedade 12, 14, 29, 33, 37, 41, 42, 48, 67, 68, 69, 70, 76, 81, 91, 95, 96, 98, 99, 101, 102, 103, 105, 109, 110, 112, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 123, 124, 125, 126, 127, 128, 129, 131, 135, 137, 139, 141, 142, 143, 144, 146, 147, 150, 151, 152, 153, 154, 155, 156, 157, 158, 159, 160, 161, 167, 170, 171, 173, 176, 177, 178, 179, 180, 182, 184, 185, 187, 188, 189, 192, 212

T

Teoria da História 8, 26, 189

 **Atena**
Editora

2 0 2 0